

Narrativas da inclusão quilombola no espaço universitário da UFSB

Narratives of the Quilombola inclusion in the UFSB

Claudia Pungartnik

Professora Assistente de Língua Inglesa da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Vice-coordenadora do Colegiado de Linguagens do Campus Jorge Amado. Coordenadora de Práticas Pedagógicas do CIE de Itabuna. Coordenadora do Projeto de Extensão Curso de Língua Inglesa e Interculturalidade aplicado à Comunidade (CLIC) e vice-coordenadora do Curso de Extensão Speak Your Mind. Membro do Comitê de Política Linguística do Grupo de Estudos e Pesquisa em Internacionalização Curricular (GEPIC) e do Grupo de Pesquisa Tradução e Sociolinguística na tradução de obras clássicas da língua inglesa para a língua portuguesa. Mestre em Letras, Linguagens e Representações (UESC) e Especialista em Produção de Mídias para Educação Online (UFBA). Graduação em Letras Inglês-Português (UESC).

Rosângela Cidreira

Possui graduação em Letras (Português e Literaturas) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1996) e Mestrado em Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2011). Tornou-se especialista em Administração da Educação: Gestão Participativa, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (2000), em seguida, especialista em Leitura e Literatura infanto-juvenil (2005) e em Língua Portuguesa (2007), pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Em 2016, pela Universidade Cândido Mendes, concluiu a pós-graduação em Libras para Professores e Intérpretes, também se encontra regularmente matriculada no Doutorado em Relações Interculturais pela Universidade Aberta de Portugal (2019). É regente da Educação Básica há 28 anos, atuando como docente de Língua Portuguesa, atividade que iniciou quando tinha 21 anos; também exerce suas funções na Biblioteca Jorge Amado da UFSB. Em 2011, na cidade de Ipiaú (BA), lançou o documentário “Euclides Neto: o homem da terra” e, em 2016, pela Editora Mondrongo novamente em Ipiaú, o livro “O coronel e o trabalhador: a identidade cultural cacauzeira nos romances Terras do Sem Fim, de Jorge Amado e Os magros, de Euclides Neto”. Recentemente propôs, juntamente com outros servidores da UFSB, o Programa Internacionalização Curricular (extensão) que apresenta duas ações: o Grupo de Estudos e Pesquisa em Internacionalização Curricular (GEPIC) e o Café Intercultural.

DOI: 10.47573/aya.88580.2.53.1

RESUMO

O objetivo deste estudo é registrar as narrativas dos quilombolas e dos pesquisadores pertencentes ao Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER) sobre a maneira pela qual a Universidade Federal do Sul da Bahia, frente ao processo de internacionalização curricular, consegue abranger as comunidades pertencentes aos quilombos. Este estudo pretende analisar o envolvimento da UFSB em relação às comunidades quilombolas localizadas da região sul da Bahia, da cidade de Itabuna. Num primeiro momento, apresentamos uma breve fundamentação teórica e na parte seguinte apresentam-se trechos das narrativas experienciadas ou construídas pelos participantes do Primeiro Círculo Cultural, evento ocorrido na UFSB. O manejo teórico da presente pesquisa foi consubstanciado, sobretudo a partir de Wittgenstein (1984), Barthes (1988), Bruner (1991), Bertaux (1999) e Sarlo (2007). Infere-se que o trabalho de inclusão ainda é parcial, ínfimo e deve ser contínuo.

Palavras-chave: ensino superior. internacionalização curricular. círculo cultural.

ABSTRACT

The main purpose of this study is to collect and register the voices and narratives of the black Quilombola students and researchers from the Graduate Program in Education and Ethnic-Racial Relations (PPGER) of UFSB – Federal University of the Southern of Bahia. Those narratives are an indication of how the university deals with the Quilombola communities concerning the Curricular Internationalization process. The analysis consists in trying to comprehend the participation of UFSB in those communities located in the city Itabuna, in the southern of Bahia state. In this study, we present the narratives themselves, which are excerpts from the experiences of the participants in the First Cultural Circle. This event happened at UFSB in (2019). Also, we briefly present a theoretical foundation of Narratives and the Internationalization of the Curricula with Wittgenstein (1984), Barthes (1988), Bruner (1991), Bertaux (1999) and Sarlo (2007). The results are part of a greater project still under investigation, therefore results are preliminary.

Keywords: higher education. curriculum internationalization. cultural circle. quilombola communities.

INTRODUÇÃO

O movimento globalizado dota a população mundial de maior interdependência nas questões culturais, econômicas, políticas, religiosas, envolvendo e reconfigurando as interações sociais entre pessoas e as interações políticas entre os estados-nações. O mito do Don Juan representa esse movimento de conexão mundial e interculturalidade: “Todas as obras são a representação de uma representação. Se isto faz do mito um exemplo inquestionável de internacionalismo ou transnacionalidade mais do que nacionalismo na literatura, também é um exemplo de interculturalidade positiva. Sendo qualquer texto literário intercultural por natureza, é no donjuanismo que essa interculturalidade se apresenta de forma mais radical, colocando autores de épocas e espaços a dialogar entre si.” (SEQUEIRA, 2017, p.147)

Este estudo apresenta reflexões críticas de representantes de comunidades quilombolas e de pesquisadores pertencentes ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações

Étnicos Raciais (PPGER) sobre a maneira pela qual a Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), frente ao processo de internacionalização curricular, consegue abranger as comunidades quilombolas em sua proposta curricular. Os quilombolas e os pesquisadores encontraram-se durante o Primeiro Círculo Cultural, evento ocorrido no dia 5 de dezembro de 2019, no Auditório da Universidade Federal do Sul da Bahia, campus Jorge Amado, em Itabuna-BA. O evento buscou analisar, discutir e refletir a inclusão quilombola na universidade frente ao seu processo de internacionalização. A motivação para a organização do evento surgiu do projeto de pesquisa registrado no Doutorado em Relações Interculturais da Universidade Aberta de Portugal (UAb): Um olhar para as comunidades quilombolas: a internacionalização curricular da Universidade Federal do Sul da Bahia numa perspectiva intercultural e contou, também, com a colaboração indispensável de alguns mestrandos do já citado Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da UFSB, tanto na organização quanto na socialização das pesquisas sobre a temática abordada.

A UFSB, desde a sua fundação em 2014, é uma universidade comprometida, com a internacionalização e seu modelo pedagógico incentiva a valorização e promoção das diversidades, da pluralidade e da democratização do conhecimento. A UFSB localiza-se no Extremo Sul da Bahia, em três campi: Itabuna, Porto Seguro e Teixeira de Freitas, cidades que tradicionalmente estão ligadas a quilombos e a tribos indígenas. A UFSB está capilarizada em sua Rede Anísio Teixeira de Colégios Universitários (Rede CUNI), instalada em colégios da rede estadual de ensino em parceria do Governo Federal com o Governo do Estado da Bahia, nos quais disponibiliza programas de ensino superior mediado por tecnologias. Assim, a UFSB está presente em mais dez cidades da região, ampliando sua abrangência para atender a essas comunidades que não tinham acesso ao ensino superior.

Nesse sentido, deve-se aqui destacar o desenvolvimento tecnológico como um grande propulsor da prática da internacionalização em casa, constituindo, conforme assinalado anteriormente uma fator de impacto e grande transformação, no qual “a tecnologia e a globalização mudaram o modo como vivemos e trabalhamos, tornando multicultural o contexto de trabalho que, cada vez mais, é virtual, isto é, constitui um mesmo espaço de interação partilhado por pessoas que estão em lugares diferentes”(SEQUEIRA, 2016, p. 56)

Uma universidade mais presente causa impacto na vida das pessoas. Afim de discutir essa questão, nosso estudo pretende apresentar uma série de narrativas ocorridas durante o evento Primeiro Círculo Cultural na perspectiva dos indivíduos participantes das comunidades quilombolas e de pesquisadores do PPGER. Esses representantes e pesquisadores foram convidados a apresentar, discutir e analisar: 1. O envolvimento da UFSB e suas comunidades; 2. Ações e situações previstas e não previstas; 3. Impactos positivos e negativos; e 4. Promessas cumpridas e não cumpridas pela UFSB. Na ocasião, as discussões levaram a novas reflexões sobre possíveis ações futuras da UFSB em relação às comunidades quilombolas.

Iniciamos a nossa exposição sobre o gênero Narrativas, a seguir descrevemos o Círculo Cultural, apresentamos as narrativas propriamente ditas e por último fazemos uma breve análise nas considerações finais.

AS NARRATIVAS

Narrar é parte da vida humana desde sua origem. A manifestação de rabiscos nas pedras das cavernas, os mitos e histórias transmitidas através das gerações são narrativas. Existem muitas possibilidades de narrativas, sejam orais ou escritas, portanto narrar é uma atividade criativa humana ligada intimamente à atividade linguística. Está associada à comunicação diária e pertence a um jogo de linguagem (WITTGENSTEIN, 1984). A habilidade de narrar, enquanto atividade cultural e civilizatória, faz parte da nossa competência linguística e simbólica, e sempre nos serviu para acumular, armazenar e transmitir conhecimentos. Narrar organiza a experiência humana e a memória, e serve para descrever a percepção individual da realidade, ou seja, da nossa própria construção narrativa (BRUNER, 1991).

As narrativas ajudam a construir teorias sobre a realidade, à medida que as experiências individuais se tornam públicas. Em um movimento de cooperação dialógica, não há narrativa sem narrador e sem ouvinte (BARTHES, 1988, p. 125). Segundo Bertaux (1999), a narrativa é uma descrição de um fragmento da experiência vivida, cujo percurso encadeia eventos, ações e interações sociais. A análise e interpretação das narrativas, enquanto relatos de memória, se constituem como fonte oral de pesquisa. Recordar o passado no presente torna o narrador sujeito da história em um resgate de si e de seu tempo (SARLO, 2007), a narrativa tem sido o discurso mais poderoso para a realização de pesquisas.

Assim, as narrativas aqui apresentadas cumprem o seu papel histórico-social de compreender o momento em que vivemos, através dos relatos que evidenciam a relação do indivíduo com a universidade, em um processo de resgate da memória de forma múltipla, envolvendo o próprio, outros sujeitos e outras questões. As narrativas aqui apresentadas foram coletadas durante o evento Primeiro Círculo Cultural e nos ajudam a refletir sobre a atuação da universidade para com as comunidades quilombolas, a partir da percepção e da experiência vivida de seus narradores.

O PRIMEIRO CÍRCULO CULTURAL

O Primeiro Círculo Cultural contou com a organização de pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da UFSB, estudantes da pós-graduação da UFSB e do Doutorado em Relações Interculturais da Universidade Aberta de Portugal (UAP). A discussão ocorreu em torno das experiências e pesquisas sobre quilombolas e o seu processo de inclusão no espaço de educação formal, mais precisamente na UFSB. O Círculo Cultural teve início com a apresentação do projeto de tese Um Olhar para as comunidades quilombolas: a internacionalização curricular da Universidade Federal do Sul da Bahia numa perspectiva intercultural.

Em seguida, o quilombola José Conceição, liderança quilombola da comunidade do Empata Viagem, relatou suas experiências na comunidade quilombola do Empata Viagem e as dificuldades que os jovens possuem para ter acesso às universidades. José Conceição apresentou-se como uma pessoa semianalfabeta, acrescentando que não tinha em toda a sua vida ocupado nenhum “banco de ciência”, em seguida contextualizou geograficamente a comunidade quilombola do Empata Viagem: localizada em Maraú, município do Litoral Sul do Movimento Ne-

gro Baiano. Em seguida, informou que na sua comunidade, no ano de 2019, havia exatamente 27 jovens que deveriam estar na universidade e que, no entanto, encontravam-se sem estudar porque não havia a possibilidade de progressão nos estudos.

A fala da liderança quilombola José Conceição estava impregnada de ressentimento. Repetiu sempre que as universidades e os pesquisadores faziam uso da comunidade Empata Viagem para realizar pesquisas e sem dar retorno da pesquisa. Acrescentou ainda que os profissionais necessários para trabalhar nas escolas, por exemplo, vindos do projeto governamental Bahia Produtiva para a comunidade Empata Viagem são originários das comunidades externas e que não há professores quilombolas. Também Coradin e Souza (2015) referem-se aos problemas que os quilombolas enfrentam na sociedade e frente a programas e políticas públicas:

[...] é essencial ainda perceber e analisar que, embora começando a participarem de outros universos sociais e simbólicos, muitos deles ainda sentem e encontram dificuldades para conseguirem sair, falar, se expressar, assumir e se assumirem enquanto sujeitos sociais detentores de capacidades e potencialidades, desenvolvidas e por desenvolver, como meio de acesso, cognição e condução burocrática e política de sua participação social em Programas e políticas públicas, delegando papéis, cargos e falas a outrem, interno ou externo ao grupo, por vezes, não quilombolas, na gestão estratégica do PAA [...] (CORADIN, SOUZA, 2015, p. 140).

Há visivelmente uma delegação de funções associadas às comunidades quilombolas para o outro, isso decorre da invisibilidade social na qual o quilombola é vítima constante. Acrescentou ainda José Conceição: “a minha ida ao Círculo Cultural seria para tentar uma luz para os estudantes habitantes da comunidade do Empata Viagem que ainda não conseguiram ingressar nas universidades” (informação verbal).

Percebe-se visivelmente que a liderança quilombola sonha com mudanças, com a inclusão dos habitantes da comunidade do Empata Viagem no espaço universitário. Para Leite (2000, p. 335) “o quilombo, na atualidade, significa para esta parcela da sociedade brasileira, sobretudo um direito a ser reconhecido, e não propriamente e apenas um passado a ser lembrado”. Assim, se tornam evidentes os sentimentos e crenças dos habitantes por ele liderados, transmitindo descrença e falta de esperança.

A comunidade quilombola não possui conhecimentos e informações que foram produzidos a seu respeito. São invisibilizados nas decisões que remetem sua história e sua luta. Em relação a isso, relatou José Conceição, ainda fazendo uso da fala, sobre a história de formação da sua comunidade quilombola: “um agente de Desenvolvimento do Banco do Nordeste foi participar de um Seminário em Fortaleza e lá obteve a informação de que a comunidade do Empata Viagem apresenta peculiaridades que a caracterizavam como comunidade quilombola”. Acrescenta que, a partir da informação que lhe foi dada pelo Agente de Desenvolvimento do Banco do Nordeste, José Conceição, enquanto liderança, teve de mudar toda a documentação da comunidade para se adequar burocraticamente às exigências de uma comunidade quilombola. Sua fala representa a luta dos quilombolas e o sentimento de desconfiança e de desesperança.

Relatos de experiências socializados por José Quilombola representam a luta, os sentimentos e a história de uma comunidade. Segundo a liderança, até para o recebimento do Programa de Aquisição de Alimentos (P.A.A.), principal política pública de Segurança Alimentar e Nutricional e da Agricultura Familiar, a comunidade quilombola do Empata Viagem sofre com alguns conflitos sociais relacionados com as exigências burocráticas. Por exemplo, acrescenta ele: “muitas vezes, o prefeito não se interessa em assinar a documentação, pois o dinheiro não

é creditado na conta da prefeitura”. Neste sentido, Coradin e Souza (2015, p. 128) são incisivos: “apesar dos resultados obtidos nas avaliações da política, a demanda de participação dos poderes públicos locais na gestão e operacionalização desse Programa pode representar um fator limitante”.

A participação de José Quilombola no Primeiro Círculo Cultural atendeu à proposta inicial do Círculo que foi discutir em torno das experiências e pesquisas sobre quilombolas e o seu processo de inclusão no espaço de educação formal e em especial nas universidades: “Existem conquistas a serem conquistadas, e uma dessas é a universidade. A minha neta tem sonhos, quer seguir adiante, sonha em ter uma formação. Mas, para nós não há nada assegurado. O que será do futuro dessa criança? O que será dos jovens quilombolas?” (informação verbal).

Na sequência do evento, o Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER) Josivaldo Félix Câmara continuou com as atividades do Círculo Cultural apresentando o seu projeto intitulado Educação antirracista em espaços artísticos não-formal: o chão que a gente pisa, objetivando prioritariamente apresentar a Cia de Teatro Mário Gusmão¹, na qual ele é diretor, aos participantes do Círculo e também convidá-los a refletir sobre a inclusão dos quilombolas nos contextos universitários. Iniciou sua fala fazendo referências, inicialmente, à fala da liderança quilombola José Conceição e também à Gramática da Ira, livro de poesias cuja autoria pertence ao professor comprometido com as causas sociais da Universidade Católica de Salvador, Nelson Maca. Iniciou sua fala sobre o início dos quilombos e sua formação histórica. Nesse sentido, os pesquisadores Funari e Carvalho (2005, p. 41) acrescentam que “o quilombo seria uma alternativa para manter a identidade negra, distante das deformações representadas pela cultura branca”.

Josivaldo Félix apresentou-se também como pesquisador e como morador da periferia, que ele trata como quilombo urbano, e acrescentou como testemunho: “viver na periferia também é difícil” (informação verbal). Felix refletiu sobre a necessidade dos negros quilombolas serem pesquisadores de sua própria história. Entretanto, aponta o distanciamento da universidade e da academia do povo preto. Assim, afirma o pesquisador, não só há a exclusão e invisibilidade do povo preto e dos quilombolas em relação à universidade, como também em relação a outras instituições públicas. Nesse sentido, o Círculo busca ampliar o debate e as discussões sobre a inclusão quilombola na proposta curricular acadêmica da Universidade Federal do Sul da Bahia e de outras instituições de ensino superior.

O distanciamento das universidades e de outras instituições públicas em relação ao povo quilombola é muito visível, porém algumas mudanças já são perceptíveis, por exemplo, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) se esforça por incluir, no Censo deste ano de 2021, quesitos referentes à população tradicional quilombola. Até então, não havia no Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística informações relacionadas com os quilombolas.

Em seu relato, Josivaldo Félix esclarece que a Cia de Teatro propõe desconstruir o imaginário negativo em relação aos aspectos culturais africanos através do uso de textos teóricos. Os textos referidos e utilizados nas apresentações da Cia de Teatro também aproximam o teatro da academia. Felix relata a dificuldade em realizar as apresentações teatrais nas escolas, nos espaços formais de educação: “A escola quer o silêncio, nada de negrada gritando, não quer batuque de tambor.” (informação verbal).

1 Mário Gusmão foi um ator brasileiro que, em seus 68 anos de existência, conseguiu produzir grande quantidade de obras artísticas: peças de teatro, novelas, seriados de televisão e dezesseis filmes, além de inúmeros espetáculos de dança.

A Cia de Teatro Mário Gusmão é um grupo de teatro negro focado em temas e questões relacionados com os negros e constituído por meninos com diversos tons de pele, diversas etnias. Josivaldo Félix acrescenta ainda: “Há sujeitos quilombolas que não se reconhecem como negros, eles moram no quilombo, são negros, mas não se reconhecem como negros” (informação verbal). Geralmente, eles não conseguem dizer: “Eu sou negro porque desconhecem o que é ser negro e não querem se auto afirmar” (informação verbal). A negação da sua identidade é a negação de sua própria história de luta e resistência, é uma forma de se tornar invisível em relação às perseguições e lutas travadas no passado pela sobrevivência.

Josivaldo Félix, ainda fazendo uso da fala, relata uma conquista importante relacionada com a inclusão de saberes das minorias na Matriz Curricular da Escola de Pau Brasil. Foi a luta iniciada em 2006 para incluir as disciplinas História e Cultura Africana e História e Cultura Indígena na grade curricular da Escola de Pau Brasil. A inclusão das disciplinas foi concretizada posteriormente no ano de 2009, sendo uma consequência do estudo realizado pelos Movimentos Negro Unificado e Indigenista sobre as Diretrizes Curriculares para o Ensino e Relações Étnico-Raciais. As inserções das disciplinas na Matriz Curricular constituem práticas que favorecem a descolonização dos currículos, permitindo “ (...) abertura para distintas compreensões da vida; vontade para refazer, recompor ideias, conhecimentos e para, em colaboração, criar conhecimentos; disposição para criar um novo sistema-mundo.”(OLIVEIRA, 2021, p. 31)

Dando continuidade às atividades do Círculo Cultural a “pesquisadora, mulher e preta” (informação verbal) Imara Queiroz Bispo como posteriormente se apresentou, teceu considerações a respeito do seu projeto Educação não formal nas comunidades quilombolas. Informa inicialmente que reside em Itacaré, município localizado no Litoral Sul da Bahia, em uma faixa do litoral conhecida como a Costa do Cacau e que sua intervenção pedagógica ocorreu na comunidade Quilombola Porto de Trás, “tradicionalmente vinculada à pesca artesanal e às atividades portuárias da cidade de Itacaré” (COUTO, 2011, p. 20), situada no litoral sul do estado da Bahia.

Segunda a pesquisadora, a Educação não formal é uma área em que o senso comum e a mídia usualmente não tratam como educação, pois é constituída por movimentos artísticos e culturais que têm a função de formar, de discutir assuntos que não são discutidos na educação formal. Acrescenta ainda que nos espaços quilombolas há muitas manifestações artísticas que constituem espaços de aprendizado não formal; “nas comunidades quilombolas, o que mais se vê é a educação não formal” (informação verbal). Salienta, ainda, que o nome de educação não formal dado às manifestações artísticas que viabilizam a aprendizagem foi dado pela educação formal, a fim de subtrair e inferiorizar essa forma de aprendizagem.

Imara Queiroz teceu elogios à fala de José Conceição e, ainda sobre o líder quilombola do Empata Viagem, acrescentou a pesquisadora: “José Conceição não frequentou a escola, não há nenhum registro de matrícula no seu nome, mas a sua fala crítica e fundamentada decorre, possivelmente, das suas experiências nos espaços de educação não formal” (informação verbal).

A pesquisadora elogiou também o Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER): “o PPGER pioneiramente propõe aos pesquisadores e estudantes regularmente matriculados que apresentem uma proposta de intervenção pedagógica na comunidade, objeto de pesquisa” (informação verbal). Assim, conforme comunica a pesquisadora, o PPGER adota uma postura inexistente das práticas dos pesquisadores universitários, dando um retorno à comunidade que contribuiu significativamente com a pesquisa.

Nesse sentido, Imara Queiroz compartilha aspectos metodológicos do seu projeto de intervenção pedagógica, a sua experiência enquanto ministrante da Oficina de Fotografia no Quilombo de Porto de Trás. Ela informa que, durante a Oficina de Fotografia, os participantes que são os jovens moradores da comunidade quilombola discutiam também temas ligados ao racismo e também a aspectos sociais, questões que não são costumeiramente tratadas no espaço de educação formal localizado no quilombo: as escolas quilombolas não conhecem o quilombo. Além dessas discussões, na Oficina de Fotografia, os participantes concluintes manuseiam uma máquina fotográfica profissional: “os participantes da oficina sabem manusear uma máquina fotográfica profissional tranquilamente” (informação verbal).

“Nesse espaço de aprendizagem não formal, o aluno é o centro do processo de ensino e aprendizagem” (informação verbal), refere-se a pesquisadora, especificamente, à Oficina de Fotografia, mas, também, a todo espaço de educação não formal que apresenta características de um pensamento decolonial aliado a uma pedagogia também decolonial, na medida em que “o pensamento decolonial propõe a construção de um conhecimento outro, a partir da consideração de todos os tipos de conhecimento, não apenas daqueles validados pela ciência” (RIBEIRO, 2017, p. 3111). Cita, ainda, que o pensamento de Paulo Freire e os trabalhos de Franz Fanon dialogam com o pensamento pós-colonial e sua pedagogia que buscam destruir a estrutura opressora e o mito do eurocentrismo.

A inserção de atividades e práticas que favoreçam a internacionalização curricular e a inclusão do outro facilitam o diálogo com a pluralidade e com o multiculturalismo de que todas as universidades são constituídas. Necessário se faz incluir os saberes diversos, não apenas os universalismos: “ Em países latino-americanos e no Brasil, em particular, a educação escolar marca-se por um processo de homogeneização cultural de natureza eurocêntrica” (Luna, 2016, p.33)

Ainda fazendo uso da fala, Imara Queiroz conta que Pablo Picasso, grande representante da arte cubista, motivado pela cultura negra, foi até a África e se inspirou para pintar suas obras. Acrescenta ainda que, durante a Oficina de Intervenção, os participantes foram fotografar aspectos culturais das matrizes africanas na Igreja Católica local (Itacaré-BA) e encontram diversos elementos característicos das religiões das matrizes africanas na construção do prédio. Os negros, geralmente, embutiam elementos das matrizes africanas nas obras que eram obrigados a construir, prática que demonstra uma resistência cultural. Encerrando sua fala, ela cita um trecho da obra de Grada Kilomba, artista e escritora portuguesa: “O colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra” (Grada Kilomba).

Geomara Pereira Moreno Nascimento finaliza o Círculo Cultural ao apresentar o seu projeto Políticas Públicas e Comunidades Tradicionais: Histórias de Conflitos Identitários Culturais no Quilombo do Fojo em Itacaré-Bahia. Inicialmente, a pesquisadora se apresenta como Assistente Social, Técnica de nível E, lotada na Secretaria de Desenvolvimento do Estado: “A minha pesquisa é mais voltada para o social, estou ainda aprendendo sobre currículo” (informação verbal).

A pesquisadora esclarece que seu maior objetivo é estudar a questão da sustentabilidade no Quilombo do Fojo, uma comunidade localizada em Taboquinhas, no quilômetro 18, Itacaré-Bahia, onde aconteceram atividades extra-classe com oficinas, palestras e participações

em seminários, rodas de conversas, cursos de extensão e em movimentos culturais e sociais. Acrescenta ainda que pretende compreender também, enquanto pesquisadora, se as políticas públicas agem enquanto práticas afirmativas ou negativas da identidade quilombola.

Em seguida, relata especificidades relacionadas à história do Quilombo do Fojo: a história do fundador do quilombo, Senhor Alfredo Gomes, e significados possíveis relacionados à palavra fojo: “dentro da comunidade quilombola do Fojo tem uma escola registrada como educação quilombola e que não oferece educação quilombola: não sabem o que é quilombo, desconhecem a história de Alfredo Gomes, fundador do quilombo do Fojo” (informação verbal).

Dando seguimento à sua fala, Geomara Pereira Moreno Nascimento relatou especificidades relacionadas ao Programa Bahia Produtiva, uma política pública que se estabelece a partir de uma parceria entre o Governo do Estado e o Banco Mundial. A pesquisadora relata especificidades relacionadas às manifestações de interesse que devem ser realizadas pelas comunidades quilombolas durante o período de inscrição estabelecido pelos editais: “As comunidades quilombolas não possuem internet, muitas ainda não possuem a documentação, e nem tempo hábil para realizar as suas respectivas manifestações de interesse. São muitos editais e pouca participação das comunidades” (informação verbal).

Acrescenta, ainda, que as políticas públicas não atendem às comunidades tradicionais periféricas, pois não chegam até essas comunidades pobres, pretas e periféricas: “Os editais devem apresentar mais acessibilidade para as comunidades e mais tempo. O Estado deve criar instrumentos para identificar as necessidades das comunidades” (informação verbal).

A pesquisadora finaliza sua fala afirmando que desconhecia as especificidades de uma comunidade quilombola, mas que agora se percebe extremamente atraída por suas especificidades: “Quando conheci um quilombo, percebi que sempre tinha estado ali, descobri que tinha um quilombo em mim.” (informação verbal).

Evidenciou-se, a partir da fala da pesquisadora, que a distância entre o quilombo e a educação formal se constitui em uma grande problemática tanto no próprio quilombo, quanto na universidade. A escola quilombola não trata dos aspectos culturais do quilombo, deduzindo que no espaço universitário a situação também permanece.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As narrativas têm ocupado um espaço destaque nas pesquisas contemporâneas pois trazem relatos e experiências da vida comum para o âmbito da ciência, permitindo uma reflexão sobre os reais impactos das políticas públicas na vida do cidadão invisibilizado. A universidade, especialmente a UFSB, foco deste estudo, tem procurado incluir no seu espaço a comunidade quilombola e seus aspectos tradicionais e culturais, através de estudos acadêmicos e ações de pesquisa e extensão.

Entretanto, apesar dos esforços, percebe-se que ainda há muito a se fazer. O discurso presente no espaço acadêmico, apesar de ampliado na UFSB, ainda não envolve o povo quilombola em seu espaço de vivência. As narrativas apresentadas aqui demonstram uma insatisfação com a universidade, na medida em que ela não consegue transformar a realidade daquele povo de forma efetiva. Mesmo sendo uma comunidade com papel significativo na região de Marau,

região sul da Bahia, com cerca de 300 famílias (MELO, 2012), a escravidão estrutural ainda persiste no mundo atual disfarçada em racismo que permite o silenciamento de sua cultura, de seu povo e de seus valores.

Nesse sentido, as falas dos pesquisadores no Primeiro Círculo Cultural realizado em 05 de dezembro de 2019, no Auditório da Universidade Federal do Sul da Bahia, evidenciam que a escravidão estrutural existente na atual sociedade é comprovada também no silenciamento e distanciamento dos quilombolas, das pessoas prestas e pobres dos espaços universitários, dos espaços que promovem a pesquisa e a promoção social.

Logo, as considerações aqui são parciais, pois não ousam ser finais. A problematização proposta pelo projeto de tese *Um Olhar para as comunidades quilombolas: a internacionalização curricular da Universidade Federal do Sul da Bahia numa perspectiva intercultural*, registrado no Doutorado em Relações Interculturais da Universidade Aberta de Portugal (UAb), juntamente com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais e demais colaboradores, pretendem estimular ações que favoreçam uma inclusão real de quilombolas no espaço acadêmico por meio também da internacionalização curricular.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. Einführung in die strukturelle Analyse von Erzählungen. In: _____. Das semiologische Abenteuer. Frankfurt/Main, 1988, p. 102-143.

BERTAUX, D. 1999[1980]. "El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades". In *Proposiciones* 29(4):1-23

BRUNER, Jerome. The Narrative Construction of Reality. *Critical Inquiry*, n. 18, p. 1-21, 1991.

CORADIN, C.; SOUZA, Renato Santos de. Os Quilombolas e o Programa de Aquisição de Alimentos (P.A.A.) no Vale do Ribeira Paraná: diversidades culturais, enquadramentos burocráticos e ações dos mediadores técnicos e sociopolíticos. *Revista NERA*, São Paulo, n. 26, p. 122-146, 2015.

COUTO, Patrícia de Araújo Brandão. Porto de Trás: etnicidade, turismo e patrimonialização. *Revista PASOS*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 19-30, 2011.

CARVALHO, Aline Vieira de; FUNARI, Pedro Paulo A. O patrimônio numa perspectiva crítica: o caso do quilombo dos Palmares. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 33-47, 2005.

HANKE, Michael. Narrativas orais: formas e funções. *Contracampo*, v. 9, p. 117-125, 2003.

LEITE, I. B. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnografia*, v.4, n. 2, p. 333-354, 2000. Disponível em: http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf. Acesso em: 9 jan. 2020.

LUNA, José Marcelo Freitas. *Internacionalização do currículo: Educação, interculturalidade e cidadania global*. Campinas: Pontes, 2016.

MELO, Paula Balduino de Coordenadora Consultora *et al.* *Quilombo das Américas: articulação de comunidades afrrurais: documento síntese*. 2012.

NASCIMENTO, Geomara Pereira Moreno; DA SILVA JUNIOR, Milton Ferreira. COMUNIDADE QUILOMBOLA FOJO: espaço de resgate, afirmação e (in) sustentabilidade da identidade cultural, em Itacaré-BA. Revista Encantar-Educação, Cultura e Sociedade, v. 1, n. 2, p. 448-453, 2019.

OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro. DESCOLONIZANDO OS CURRÍCULOS E EDUCANDO AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: PESQUISAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS DE RAÍZES AFRICANAS. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 13, n. 37, p. 18-41, ago. 2021. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1260>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

RIBEIRO, Débora. Decolonizar a educação é possível? A resposta é sim e ela aponta para a educação escolar quilombola. Educere, p. 3111- 3125, 2017.

SARLO, Beatriz. Tiempo pasado; cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2007.

SEQUEIRA, Rosa Maria. Desejo e Sedução: circulação intercultural do donjuanismo. Esfera do Caos Editores: 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Philosophische Untersuchungen. Frankfurt/Main, 1984. <https://www.ufsb.edu.br/ppger/https://censo2020.ibge.gov.br/2963-c2020-censo-2020/c2020-hotsite/25720-educadores-de-comunidades-quilombolas-do-maranhao-sao-convidados-a-disseminar-informacoes-sobre-o-censo-2020.html>